

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR: — OCTAVIO PIRES

VOL. II — NUM. 8

PARÁ — BRAZIL

Agosto  
SETEMBRO DE 1892

## PEDAGOGIA

### HYGIENE DOS INTERNATOS

(Aos nossos directores de collegios)

#### VII

##### HYGIENE DA INTELLIGENCIA

Assim como ha uma gymnastica muscular, que consiste em movimentos coordenados e gradativamente mais amplos, destinados sobre tudo a corrigir os vicios de desenvolvimento dos orgãos corporaes, identicamente tambem ha uma gymnastica cerebral, que consiste em exercicios racionaes e a pouco e pouco mais fortes, cujo fim é avigorar os diversos centros das nossas faculdades cephalicas.

Acreditava-se outr'ora (digamol-o de passagem) que uma segunda entidade em nós residente e inteiramente differente do nosso todo, isto é, um sêr *immaterial*, era o possuidor d'estas faculdades, cujo gráo de amplitude eleva o homem sobre os demais existentes. Como, porém, pelas velhas theorias, na explicação dos phenomenos chamados *intellectivos*, esta segunda entidade imaginaria ora representava um papel superior e activo, agindo sobre a materia, ora, tornava-se inferior e passiva, soffrendo por sua vez a acção d'esta ultima, sendo, além d'isso, impossivel demonstrar o laço de comunicação entre ambas, — os physiologistas dirigiram as suas investigações sobre a massa encephalica, estabelecendo a theoria mais racional e aceita das *localisações cerebraes*.

Segundo estas doutrinas, cada manifestação da nossa mentalidade, a *intelligencia*, a *memoria*, o *pensamento*, etc.,

tem no cerebro o seu respectivo centro gerador. Ora, assim sendo, da mesma maneira que a actividade funcional e gradualmente crescente de um orgão, por exemplo, um braço, o pulmão, o estomago, etc., o robustece, — o exercicio apropriado e methodico das operações do encephalo deve fortalecer-lhe os citados centros de localisação. E é, na verdade, o que praticamente nos ensinam todos os dias a observação e a experiencia.

Si o agente ou portador das faculdades mentaes fosse um sêr *immaterial*, como a natureza d'este é sempre a mesma, pois que é isenta de composição e é indivisivel, não haveria necessidade alguma de exercicio para robustecel-as: ellas seriam, como o seu autor, sempre a mesma e sempre do mesmo gráo de intensidade. Entretanto, o que vemos quotidianamente é inteiramente o opposto: — as diversas manifestações da intelligencia vão despontando a pouco e pouco, e se fortalecendo a mais e mais, á medida que os varios orgãos de uma entidade humana vão crescendo, alentando-se e avigorando-se.

E é ao MESTRE que se acha commettida a tarefa de auxiliar e regularisar este desenvolvimento, tornando assim o homem cada vez *mais homem*.

A gymnastica do cerebro tem por elementos os *programmas* de um ensino intellectual qualquer. Em um internato, estes programmas são mais complexos e mais completos, pois que d'elles tambem depende a divisão das horas para o trabalho e dos intervallos para os descansos.

O zeloso director tem, pois, em vista dois pontos capitaes, sobre que deve fazer gyrrar diariamente a vida dos seus educandos: — um diz respeito ás disciplinas a ensinar, e o outro refere-se á distribuição do tempo a utilizar-se.

Sobre o primeiro ponto de mira, é mister attender: á



*qualidade* da materia, á *extensão* da tarefa e á *variedade* das disciplinas.

A qualidade subordina-se ao gráo do ensino, conforme seja este *primario*, *secundario* ou *profissional*. É obvio que a um alumno de primeiras lettras não se deve entregar um compendio de instrucção secundaria, nem a um d'esta, uma obra de educação profissional superior. Isto seria o mesmo que exigir de uma pessoa não afeita ao acrobatismo, o chamado *salto mortal*. Mas não é tudo: dentro de um só d'aquelles grandes ramos: primario, secundario e profissional,—base de qualquer programma lectivo,—ha sobre a mesma materia escriptos mais ou menos completos, mais ou menos claros, mais ou menos methodicos. Pertence, pois, ao criterio do Mestre saber distinguir qual convém melhor ao seu alumno, não só quanto á força intellectual que este já possúe, como no sentido de augmentar-a sempre um pouco mais, dando-lhe um vigôr novo que ainda não possúe.

A extensão da tarefa obedece ao gráo de robustez do intellecto do educando. É bem claro o absurdo que resultaria se alguém pretendesse exigir de um principiante, não acostumado ainda ao estudo demorado, uma lição de 8, 10 ou mais paginas, ou quizesse fazel-o estudar em um só dia, 4, 5, ou 6 materias diferentes. Em qualquer dos casos, nada o alumno poderia produzir e o Mestre que a tanto o constrangesse acabaria por tornar-lhe a intelligencia obtusa ou incomprehensivel pela fadiga, arriscando-o mesmo a qualquer enfermidade, como consequencia da retenção immovel por muitas horas ou, quando nada, a estorvar-lhe, com esta vida sedentaria, o desenvolvimento natural dos diversos orgãos corporaes: diminuindo-lhe assim a resistencia contra os accommetimentos morbidos e consequentemente incurtando-lhe a existencia.

Emfim, a variedede nas disciplinas lectivas é uma necessidade demonstrada não só como um meio de descanso, mas também como uma das maneiras de captivar o gosto do aprendiz por esta sorte de trabalho. Nada mais enfadonho, na realidade, nem mais proprio a excitar o tédio e o aborrecimento de quem aprende, do que vêr-se obrigado a lêr constantemente o mesmo livro, a ouvir sempre explicações sobre as mesmas cousas, a ter sem cessar sob as vistas o mesmo quadro, ainda que seja o mais bello e do mais habil pintor. A variedade é requerida não sómente entre disciplinas de naturezas diversas, como dentro dos limites de uma mesma materia. É assim que ao Mestre compete amenisar a aridez das suas lições, variando-lhes os themes, citando casos apropriados ou referindo contos analogos, de maneiras a fazer descansar, de momentos a momentos a attenção do ex-

plicando, e a fazel-o mesmo ligar a parte da materia explicada com a referencia feita, de modo que a lembrança d'esta traga, mais tarde, igualmente a d'aquella.

Até aqui, estes conselhos genericos entendem-se com todos os que se consagram ao ensino. O segundo ponto de mira, porém, a distribuição do tempo, pertence mais particularmente aos directores de internatos.

A bôa divisão das horas de estudos attende não só á idade e constituição do alumno, como ao clima e temperatura da localidade.

É um erro gravissimo contra a hygiene, é mesmo uma deshumanidade prender-se por longas horas uma pobre criança, *maximé* si é de constituição debil, constrangendo-a a ficar assentada em um banco, com os olhos sobre uma carta, sem um lucro certo, sem um proveito real. Nas primeiras quadras da educação mental as lições breves e pouco demoradas produzem muito melhor effeito e são de um resultado muito mais seguro, do que as prolongadas por um tempo a enfasiar o educando. Na infancia e na adolescencia é a propria natureza que impõe ao individuo a obrigação do movimento. Tolher-lhe este desempenho por detidas horas, quando ao contrario deveria ser favorecido por exercicios racionaes, é occasionar um desequilibrio entre o desenvolvimento do cerebro e o dos demais orgãos, tornando o individuo muitas vezes de uma constituição enfraquecida, de um temperamento nervoso impressionabilissimo, e não raro de uma indole ou genio muito diverso do que teria talvez si outra houvesse sido a maneira de guial-o em seus estudos.

Os climas temperados, as estações frescas, as horas de menos calor, favorecem muitissimo o trabalho da intelligencia, que pôde então ser sustentado por um espaço maior do que em outros climas, estações e horas. Entre nós, apesar das virações aéreas quasi constantes, os estudos das manhãs não devem exceder a duas horas nem as aulas a uma hora, para a infancia e adolescencia. Á tarde, si as aulas pôdem ter a mesma duração que as da manhã, todavia os estudos não convém ultrapassar a uma hora e meia, quando muito. Além d'estes limites, podemos ficár certos que nada obteremos: a fadiga sobrevirá e, como consequencia, a distração.

Todos estes trabalhos devem ser intercalados de recreios, em que os exercicios phisicos sejam regulados por pessoa habilitada, e tenham de duração nunca menos de meia hora.

Fôra para desejar que, n'este clima equatorial, os intervallos dos estudos e aulas da infancia tivessem pelo menos a extensão de uma hora.

Em outro numero trataremos melhor d'estes exercicios.



## EDUCAÇÃO PHYSICA

(Da Revista de Educação e Ensino de Lisboa)

(Continuação)

## ALAVANCA DA TERCEIRA ESPECIE

É a mais favoravel á extenção e rapidez dos movimentos.

É a mais espalhada no corpo humano. Encontra-se nas circulações *scapulo-humeral*, *humero-cubital* e *rotoliar*.

Como esta alavanca é a mais desvantajosa para vencer resistencias, a contracção muscular tem de ser bastante enérgica para produzir effeito util.

A desvantagem que tem a especie de alavanca a que nos estamos referindo pela curta extenção do braço da *potencia* e pela inserção dos musculos ser muito proximo das articulações que constituem o seu *ponto de apoio*, traz em resultado a velocidade nos movimentos.

Nas alavancas da terceira especie, na machina animal, os musculos são parallellos ás alavancas a mover. Resulta d'esta disposição que uma parte da força empregada em as mover na direcção do ponto de apoio, que é a articulação, encontra-se destruida pela resistencia do mesmo ponto. Ainda assim a disposição dos musculos é um pouco modificada pelo engrossamento epiphytiario dos ossos; a porção carnuda do musculo, muito mais desenvolvida que as extremidades, contribue igualmente para os afastarem do parallelismo. Quando o musculo está implantado perpendicularmente sobre a alavanca a mover, como no *tricipesural*, toda a força é utilizada.

Permittam-nos os leitores que lhes recordem outros principios mechanicos que estão em relação com a machina animal e tem n'ella a sua applicação; o equilibrio e a gravidade.

Para que um corpo ponderavel, tendo o seu ponto de apoio sobre um plano horisontal, se conserve em equilibrio, é preciso que a vertical tirada do centro de gravidade passe pelo ponto de contacto. A sua estabilidade maior ou menor, está dependente da largura da base e da altura a que o centro de gravidade se encontrar; quanto mais baixo estiver maior ella será.

O centro de gravidade de um corpo é o ponto pelo qual passa a resultante de todas as forças que o peso exerce sobre as suas moleculas.

Todos estes principios têm a sua applicação na mechanica animal; explicam a persistencia nas posições variadas que o homem conserva por espaços mais ou menos longos, de pé, sentado, inclinado, etc.

Primeiro indiquemos em que ponto se encontra o centro de gravidade no homem. N'um corpo regularmente constituido, considerado symetrico <sup>1</sup> o centro de gravidade encontra-se sobre um plano vertical antero-posterior, que o divide em duas partes iguaes; encontra-se igualmente sobre um plano perpendicular ao eixo do corpo, e que o divide em duas porções, passando por um plano que corta pelo meio o corpo da ultima vertebra lombar.

Finalmente, para determinar o ponto onde se encontra o centro de gravidade sobre esta linha obtida pela intercessão dos dois planos precedentes, é preciso fazer passar um terceiro plano que reuna as epiphyses dos dois femures e sobre o qual o tronco se encontra em equilibrio.

Este terceiro plano cortará a linha perpendicular no ponto occupado pelo centro de gravidade do corpo. Comprehende-se facilmente que a posição do centro de gravidade do corpo humano é relativa e subordinada a relação que existe entre as dimensões do thorax e as dos membros pelvicos, variavel nos diversos individuos.

Nas diversas posições do corpo, a acção muscular é permanente para lutar contra a acção do peso, e manter o centro de gravidade em condições de equilibrio.

«Quando nos assentamos, diz Curveilhier, o peso do corpo é transmittido ás tuberuosidades dos *ischivus*, que o seu volume consideravel e fórma tornam pouco proprios para servirem de suporte definitivo ao peso do tronco. É para notar que, sendo estas eminencias um pouco anteriores ás cavidades cotyloidas, e por conseguinte situadas sobre um plano de bacia muito proximo da parte anterior, o centro de gravidade do thorax tende a inclinar para a parte posterior a base de sustentação que elles representam; por isso a quèda para traz é facil quando estamos sentados n'um banco, por exemplo, e por todo o comprimento dos membros abdominaes quando estamos sentados sobre um plano horisontal.

Na posição vertical, os musculos intervém mais pela sua tonicidade que pela sua contractilidade. Um trabalho que nos prolongamos ás vezes durante grande espaço de tempo não podia ser sustentado pela contracção muscular. O facto de o supportarmos só se explica pela tonicidade, este estado de tensão permanente dos musculos, independente da vontade e sob a dependencia do systema nervoso, cujo influxo tende a diminuir sob a influencia da fadiga ou do sonno por exemplo, que a acção

<sup>1</sup> O homem é um animal assymétrico.



do peso torna manifesta, como quando inclinamos a cabeça sobre o peito durante o somno.

O papel da tonicidade muscular é dos mais evidentes para determinados musculos, os *splinctere*, que permanecem n'um estado de contracção permanente, mesmo quando dormimos.

É, pois, a tonicidade que na posição de pé, permite aos musculos da nuca contrabalançar o peso mais consideravel da porção da cabeça situada para diante da circulação *occipito-atloidea*; aos musculos das regiões dorsal e lombar o contrabalançarem o peso das vicerias que tende a fazer bascular o thorax para deante; aos musculos da região posterior dos membros pelvicos mantem a posição do corpo sobre os pés. No resto a tonicidade não tem de intervir tão energicamente, porque na posição vertical os braços parallelos ao meio do corpo approximam-se da linha de equilibrio.

---

#### OS CASTIGOS CORPORAES E A PEDAGOGIA

(Conclusão)

##### Allemanha

A historia do papel representado pelos castigos corporaes na pedagogia allemã está cheia de detalhes picantes; nós escolheremos alguns quasi ao acaso, sem irnos além da Reforma. O autor d'este grande movimento, Luthero, recordava-se de ter apanhado na escola até quinze vezes em um mesmo dia. Por essa mesma epoca o mestre-escola Trotzendorf possuia no seu estabelecimento de Goldberger um arsenal completo: a vara, a bengala, a sanfona (*Fiedel*, instrumento de tortura escolar), o cavalete. Em 1548, o regulamento escolar de Es-sling prohibia uma serie de punições em uso, como as chineladas, o arrancamento de cabellos, o emprego do cacête, e autorisava «a applicação das varas sobre os costados.» Em 1583, o regulamento de Nordhausen determinava o numero de pancadas segundo as faltas commettidas. No seculo XVII, um mestre-escola em Hesse fazia os alumnos pronunciarem a seguinte formula:

*O du liebe Ruth'  
Mach' du mich gut,  
Mach' du mich fromme,  
Dass ich nicht zum Henker komme.*

Oh tu, varinha querida,  
Fazei-me bom n'esta lida,  
Intelligente torna-me  
E do carrasco livra-me.

No orphelinato de Francfort-sobre-o-Meno havia o banco da disciplina (*Zuchtbank*) sobre que assentava-se a criança emquanto era fustigada, e a caixa dos ursos (*Bärenkasten*) onde não se podia estar nem assentado, nem de pé. No seculo XVIII, o regulamento do gymnasio da mesma cidade, onde Goethe estudou, submettia os menores á férula e concedia aos maiores o privilegio de serem castigados com bastonadas, mas em presença das classes reunidas. Um contemporaneo, que publicou em 1875 um interessante trabalho sobre as punições corporaes, o sr. Freimund, confessa que no começo do seu magisterio sentia frequentemente uma cólera que parecia-lhe não poder acalmar senão puxando alguns pares de orelhas; apesar dos conselhos de seus collegas, elle havia se compromettido consigo mesmo de nunca usar das vias de facto: elle continha-se batendo violentamente com os dedos sobre a mesa. O mesmo autor cita dois exemplos muito significativos passados junto de si: primeiramente o de um mestre de Koenigsberg que pedia como um favor aos seus collegas que lhe entregassem a execução das correcções corporaes; depois o de um reitor na mesma cidade o qual diariamente, antes de principiar a aula, batia em um por um da maior parte dos seus alumnos, sem razão alguma, porque isto já se tinha n'elle tornado como uma necessidade. Um mestre-escola de Sonabia, de quem fala Raumer em sua *Historia de pedagogia*, registrara, durante cincoenta e um annos e sete mezes de magisterio, os castigos corporaes por elle applicados; o total geral decomponha-se assim: 813 vezes mandou pôr de joelhos sobre uma barra triangular, e 77.777 sobre ervilhas seccas; deu:

7.905 puxões de orelhas;  
10.235 bofetadas na bocca;  
20.909 reguadas sobre os dedos;  
22.863 pancadas com livros para chamar a attenção das creanças;  
124.000 varascadas;  
911.257 bastonadas;  
1.116.000 carolos; etc.

.....  
A opinião pedagogica na Allemanha pronuncia-se geralmente a favor dos castigos corporaes; encara-os como um meio disciplinar lastimoso porém necessario. A questão da sua utilidade foi discutida cinco vezes em trinta annos por assembléas geraes de chefes de estabelecimentos de instrucção secundaria; de cada vez foi ella resolvida no sentido affirmativo.

(ALEXANDRE MARTINS, *A educação do character*).

---



## PRELECCÃO AOS MEUS ALUMNOS

## ENSINO DE COUSAS

*Distincção entre corpo organico e inorganico*

Toda esta grande quantidade de sêres que nos cercam e povoam a terra divide-se em duas partes, que são: 1.<sup>a</sup> *corpos brutos ou inorganicos*; 2.<sup>a</sup> *corpos vivos ou organicos*.

O adjectivo — *organico*, derivado do substantivo — *orgão*, quer dizer — *feito de órgãos*.

*Corpo organico* é o sêr que contém *orgãos* ou que é composto de *orgãos*. Exemplifiquemos: — *O homem, o cão, as aves, os peixes, as arvores*, são todos *sêres* ou *corpos organicos*. — Os *orgãos* que compoem o homem são: a *ca-beça*, o *pescoço*, os *braços*, as *mãos*, o *corpo* ou *tronco*, as *pernas*, os *pés*, o *coração*, o *estomago*, o *figado*, etc.

O cão compõe-se também dos mesmos *orgãos*, tendo mais uma *cauda*, *quatro pernas* em vez de duas e não tem *braços*.

As *aves* têm *azas* em lugar de *braços*, *moela* em vez de *estomago*. Os *peixes* possuem *escamas*, *barbatanas* em vez de *braços* ou de *azas*, *guelras* por onde respiram, etc. Os *orgãos* das *arvores* são: a *raiz*, o *tronco*, os *galhos* ou *ramos*, as *folhas*, etc.

*Corpo inorganico* significa, então, aquelle que não tem *orgãos* ou que não se compõe de *orgãos*. Exemplo: — *A pedra, o ferro, a agua, o ar*, etc.

Façamos agora distincção entre — *corpo* ou *sêr organico* ou *sêr inorganico*.

*Primeira distincção*

O *corpo* ou *sêr organico*, *vive*, *nasce*, *alimenta-se*, *crece*, *reproduz-se*, *morre*; o *corpo* ou *sêr inorganico* não *vive*, não *nasce*, não *se alimenta*, não *crece*, não *reproduz-se*, não *morre*.

Recordemos os exemplos que acabamos de citar e nos certificaremos d'estas verdades.

O *homem*, com effeito, *vive*, *nasce*, *alimenta-se*, *crece*, *reproduz-se*, isto é: *augmenta a familia* com os *filhos* que dão as *suas mulheres*, e finalmente *morre*. Todos os *animaes* possuem estas propriedades, sem excepção de uma só. As *arvores* assim como todos os *vegetaes* têm também estas mesmas qualidades: *vivem*, *nascem*, *alimentam-se*, ora pelas *raizes*, ora pelas *folhas*, *crecem*, *reproduzem-se* e *morrem*.

Outro tanto, porém, não se póde dizer da *pedra*, do *ferro*, da *agua* e do *ar*. Nenhum d'estes *corpos vive* ou

tem *vida*: existe sómente. *Não cresce*, *compõe-se* apenas: assim, a *pedra* compõe-se de muitos *grãosinhos* de *areia*; o *ferro* de *particulas* muito pequenas chamadas *moleculas*; a *agua* provém da composição de dois *gazes* o *oxygenio* e o *hydrogenio*; — o *ar* compõe-se da *mistura* do *oxygenio* com o *azoto*. *Não se alimenta*. *Não cresce* e só *augmenta* de *volume* quando um outro *corpo* reune-se por qualquer *circumstancia* ao seu *igual*: assim, a *pedra* *augmenta* de *volume* quando novos *grãosinhos* de *areia* são *postos* em *contacto* com ella; o *ferro* *augmenta* sempre que se *funde* uma *porção* qualquer á outra; a *agua* só *augmenta* com *nova* quantidade de *agua*, e o *ar* com *nova* *mistura* *igual* a sua. — *Não reproduz-se* nem *morre*.

*Segunda distincção*

Os *corpos brutos* ou *inorganicos* pódem ser *divididos* em *quantas* partes se *queira*, sem que *perca* a sua *essencia*: assim uma *pedra* *fragmentada* em *dez*, *vinte* ou *mais* *pedaços*, qualquer d'estes *fragmentos*, por *menor* que seja, será sempre — *pedra* —; uma *barra* de *ferro* *cortada* em *muitas* partes, qualquer d'estas partes será sempre *ferro*; a *gota* de *agua* *pendente* da *extremidade* de um *alfinete* é a mesma *agua* do *vaso* onde *houver* sido *mergulhado* este *alfinete*; — o *ar* *contido* em uma *garrafa* *lacrada* é o mesmo *ar* que nos *cerca*, dentro do qual foi a *garrafa* *fechada*.

Com os *corpos vivos* ou *organicos* acontece justamente o *contrario*: — Si *cortamos* um *braço* a um *homem*, ou uma *perna* a um *cão*, ou o *bico* a um *passaro*, ou um *rabo* a um *peixe*, ou emfim um *ramo* a uma *arvore*, cada uma d'ellas representará apenas uma *parte* do *corpo* ou *sêr* de onde fôr *separada*, mas nunca será este *corpo* ou *sêr* um *tudo*, como o *fragmento* da *pedra* é em *tudo* uma *pedra*, e a *gota* de *agua* é em *tudo* — *agua*.

Ainda mais: — a *separação* de qualquer *parte* de um *corpo organico* *produz* a *morte* da *parte* *separada*, e ás *vezes* também do *corpo* *inteiro*. Exemplo: — uma *perna* *decepada* a qualquer *homem*, *cão* ou *passaro*, *morre* por que *entra* em *putrefacção* e *desapparece*. *Cortada* a *ca-beça* de qualquer *animal* este *morre* inevitavelmente. A *separação* de uma *parte* qualquer de um *vegetal* *ocasiona* a *morte* certa a esta *parte* que *murcha* e *sécca*; ás *vezes* mesmo até a *porção* *restante*, *implantada* no *sólo*, também *sécca* e *morre*. Nada d'isto acontece entretanto com a *pedra*, com o *ferro*, com o *ar*, porque não têm *vida*.

*Terceira distincção*

Os *corpos brutos* ou *inorganicos* pódem *reunir-se* a



outros, quer da mesma natureza, quer de natureza diferente, compondo um todo harmonico e perfeitamente compativel com a existencia. Exemplo: O ferro póde juntar-se ou ao mesmo ferro ou ao bronze, ou ao aço, etc.; —o ouro póde ligar-se ou ao mesmo ouro ou á prata, ao mercurio, ao cobre, etc.; a agua póde reunir-se a mesma agua, ao vinho, á cerveja, á cachaça, etc.; ao ar pódem misturar-se outros gazes, como o de illuminação, o vapor d'agua, o gaz dydrogenio, etc.

Os corpos vivos ou organicos, porém, não pódem reunir-se a outro, embora da mesma natureza, para formar um todo harmonico compativel com a vida. Uní a parte de um cão a outro e vereis não só que não se formará um só corpo, como a parte reunida entrará em decomposição e desaparecerá. O ramo de uma arvore unido á outra seccará por força sem que tenha formado com esta um todo unico e continuo.

#### *Quarta distincção*

Podemos, emfim, accrescentar uma quarta e ultima distincção: a applicação ou emprego variadissimo que o homem póde dar aos corpos brutos ou inorganicos. Assim: das pedras fazem-se estatuas, calçamentos de ruas, construcções de casas, etc.; com o ferro fabricam-se pregos, fechaduras, ferrôlhos, dobradiças, etc.; a agua é empregada nas cozinhas, nas lavanderias, como alimento dos viventes, etc.; o ar serve para alimentar a vida pela respiração, para mover moinhos, para fazer viajar navios, etc.

Dos corpos organisados ou vivos, porém, o homem só póde fazer um uso muito restricto, e isto mesmo não de todos. Exemplo: Ha certos animaes como o boi, o carneiro, o peixe, as aves, etc.; e certos vegetaes, como: os legumes, as batatas, etc., de que o homem póde servir-se sómente como alimento e d'elles não póde fazer outra cousa.

Ha entretanto uma excepção para os vegetaes. Quando estes são arvores de uma certa grandeza, depois de seccas recebem o nome de *madeiras* e o homem póde então utilisal-as em diversos misteres, como cadeiras, armarios, mezas, portas, bilheiras, soalhos, etc.

*(Continúa)*

OCTAVIO PIRES.

## SCIENCIAS

### — METEOROLOGIA —

(Continuação)

2.<sup>a</sup> CLASSE — METEOROS AQUOSOS

#### *Das nuvens*

Não ha quem madrugando aos primeiros raios da aurora não se tenha extasiado na contemplação de multipas cambiantes, cujos tons variadissimos, desde a mais mimosa violeta, á mais brilhante côr da gema, desde o sombrio mais terno, ao mais vivo carmezim, adornam o Oriente inteiro, nas manhãs claras do estio.

A brisa sopra de manso mais fresca, mais suave e pura. O mar espreguiça-se lento em vastos lençoes de areia. Gottejam de orvalho as flôres; trescala um mixto a floresta; as avesinhas mimosas saltam garridas do fundo de seus ninhos, espanejando as azinhas ao som dos trinos de ensaio. E em meio d'esta harmonia grandiosa emerge das entranhas do abysmo a dourada cabelleira do astro-rei, como que a dançar alegre no seio do espaço immenso, onde a pouco e pouco vae galgando as alturas do zenith. E emquanto assim percorre a curva colossal d'esta aboboda infinita, o nossa atmosphaera nos vae offerecendo os quadros mais diversos e instaveis, sempre dignos de observação e de estudos.

Ora, sobre um fundo azul-escuro, ostenta-se sobranceiros claros e delicados filamentos, tenues e transparentes, branquejando ao longe como adelgaçados frócos de algodão ou alvejantes ossadas.

Ora, massas enormes empilham-se, accumulam-se, semelhando um grosso rôlo de fumo vomitado por canhões, vagueando á mercê dos ventos, e affectando as fórmias mais extravagantes que a cada passo modificam-se em outras mais bizarras ainda.

Ora, são densas faxas ou espessos filetes, uns mais longos outros mais curtos, que se estendem horisontalmente, quasi sempre superpostos, bordando os topes de alcantiladas montanhas, ou pairando á curta distancia sobre os cumes das proeminencias.

Ora, um véo acinzentado ou escuro, algumas vezes de rebordos negros, cerra qual amplo cortinado o vasto scenario do Universo, occultando-nos ás vistas o brilho do astro-rei, e espalhando a tristeza na terra e o terror no oceano.

Emfim, ao expirar do dia, quando este se termina



limpido e sereno, os mesmíssimos matizes, mais bellos, mais variados do despontar das manhãs, impõem-se ainda á contemplação do artista, que n'elles vae beber inspirações poeticas, e investigar o segredo das gradações mais finas e delicadas, desde a gema á violeta, do carmezim ao sombrio.

Todas estas metamorphoses de côres e de fórmulas que constantemente observamos em nossa atmosphaera, que animam as paizagens, que dão vida aos quadros, que incutem sentimentos differentes no coração humano, são devidas principalmente ao que todos conhecemos pelo nome de — NUVEM.

O que vem, pois, a ser uma — *nuvem*?

Nada mais nada menos do que o resultado da condensação do vapor d'agua na atmosphaera.

Já sabemos que a agua distribuida sobre a superficie do nosso planeta, soffrendo a influencia de uma temperatura elevada, passa do estado liquido ao estado de gaz, que é o vapor. Este, subindo pela força de expansibilidade ás altas regiões, vae encontrando camadas aéreas cada vez mais frias, que lhe roubam o calor, fazendo-o condensar-se, tomando então a fórmula da vesiculas ou pequenas bolhas que, amontoadas ao longe, nos dão aquellas diversidades de configurações, de que atraz fallamos. As correntes de vento, deslocando estes agglomerados de vesiculas, operam n'elles mudanças não só de local como de contornos; e a luz solar tocando-os em cheio, penetra mais ou menos, em sua intimidade, onde se decompõe em seus raios elementares, que d'ahi se reflectem para a terra, uns isoladamente, outros em combinações entre si, compondo novas côres e dando-nos esses variadíssimos matizes, que impõem-se tanto á nossa admiração, por occasião dos crepusculos.

Os meteorologistas são accordes em dividir as nuvens em quatro typos principaes, segundo as fórmulas e a densidade que offerecem. Assim chamam:

*Cirrus* — ás nuvens que descrevemos acima sob a apparencia de filamentos claros, delgados e transparentes;

*Cumulos* — ás que dissemos apresentarem-se empilhadas, constituindo rôlos por vezes bem grandes, e mudando de fórmula de momento a momento;

*Stratus* — ás que pintamos sob o aspecto de faxas horizontaes, mais ou menos longas e superpostas; e

*Nimbos* — ás que apresentamos como um véo cinzento-escuro, e ás vezes sem fórmula definida, de rebordos ennegrecidos: no primeiro caso são sempre nuvens pluviosas e, no segundo, nuvens tempestuosas, em cuja intimidade não raro fuzila o relampago e ribomba o trovão.

Ha ainda typos compostos, participando de dois dos simples; assim: *cirro-cumulos*, formados dos dois pri-

meiros typos; — *cirro-stratos*, originados do primeiro e do terceiro; — e *cumulos-stratos*, são combinação do segundo com o terceiro.

Nem todas as regiões do globo possuem nuvens em qualquer estação, como as temos nós diaria e constantemente. Sendo ellas deslocadas pelas correntes aéreas, e tendõ estas por origem o calôr solar, é claro que abundarão sempre mais sobre o hemispherio onde se achar o sol no seu gyro apparente annual. E si assim é, emquanto este astro permanecer, por exemplo, na metade sul do nosso plãeta, as regiões temperadas da outra meia parte permanecerão sem nuvem, até que o sol volte a aquecel-as, de modo a estabelecer para ellas uma camada de ar e de nuvens da zona equatorial. Como esta região é a unica do globo sempre attingida pelos raios solares, é também a unica em que, durante o anno inteiro, ha nuvens, que formam um verdadeiro anel sobre a linha equinoxial.

Diz o meteorologista Maury que se este anel fosse luminoso, seria visto por um observador que pudesse achar-se em qualquer astro exactamente como a nós parece o anel de Saturno.

O movimento d'essa immensa grinalda de nuvens, fazendo-se no mesmo sentido que o da terra, pareceria entretanto a esse observador como si o contrario succedesse, porque gyrando o nosso planeta muito mais rapidamente do occidente para o oriente, produziria a illuzão do percurso do anel no sentido do oriente para o occidente.

«As nuvens (diz Maury) . . . tem também a funcção de suavisar o clima e de moderar todo o excesso de calor ou de frio. Umas vezes cobrindo a terra, oppoem-se irradiação da sua superficie e conservam-lhe o calor; outras, pelo contrario, interpondo-se como um para-fogo entre ella e o sol, protegem-na contra a secura; depois, quando a sua tarefa já está feita n'um ponto, os ventos transportam-nas para outro afim de representarem ahi o mesmo papel regulador.»

«É d'este modo que o anel de que se acaba de tratar, viajando com a zona das calmes equatoriaes, protege alternadamente do ardor solar os differentes parallellos que cobre, e leva-lhes a chuva em determinadas epochas. Quando, por exemplo, um anel se transportou do sul para o norte do equador, vê-se o sol dardejar os seus raios verticaes sobre a superficie que a sua sombra acaba de abandonar e a temperatura torna-se insuportavel ahi. Parece que a atmosphaera treme e que se vê elevarem-se columnas de ar que transportam o calor para as regiões superiores. Pouco a pouco a terra sécca, as plantas e os animaes definham, o calor accumula-se mais depressa do



que o ar o póde roubar. É então que o anel moderador chega para interceptar os ardentes raios do sol. Já não é só na superficie do nosso globo que os raios solares são absorvidos, é também na superficie superior das nuvens d'esse anel.»<sup>1</sup>

Os outros phenomenos meteorologicos, comprehendidos na classe dos meteoros aquosos, são a *chuva*, o *orvalho*, a *neve* e a *saraiva*, de que nos occuparemos no proximo numero.

(*Prosegue.*)

DR. A. TAVARES.

## LITTERATURA

### A ROSA CAHIDA

A MEUS IRMÃOS BRUNO E JOSÉ

Não viste, Amelia, cahida  
A rosa, que, tão mimosa,  
Pendida n'haste ind'agora,  
Sorria á tarde vaidosa?

Não viste como inda hontem,  
Cheia d'effluvios, garrida,  
Mirava os ceus encantada,  
Em dóce enlevo embebida?

Não viste como á tardinha,  
Ao murmurar pelas franças  
O favonio embalsamado,  
Brincavam, — ternas creanças,—

A rosa cheia de amores  
E o beija-flôr namorado;  
Quando este a rosa beijava  
Na roseira debruçado?...

E hoje — fatal capricho,  
Da sorte que tudo muda! —  
Nem mais sorri para os ceus,  
E a tudo parece muda!...

E agora... Vé: — Só ruinas  
D'extincta belleza em flôr: —  
As pétalas da pobre rosa  
Esparsas no chão sem côr!...

ALVARES DA COSTA.

## INSTRUÇÃO PUBLICA

### RELATORIO

ALGUNS TOPICOS SOBRE O NOSSO ENSINO PRIMARIO EXTRAHIDOS DO RELATORIO DO DR. DIRECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA.

*Exmo Sr. Governador.* — Dando prompto desempenho ás determinações exaradas em vosso officio de 24 de maio findo, sob o n.º 1.152, apressamo-nos em relatar-vos, um pouco summariamente, as occurrencias mais notaveis da instrucção publica em geral, desde 20 de maio de 1891, epocha em que nos fôram confiados os seus interesses, como Director interino, cuja effectividade foi-nos confirmada a 28 de outubro do mesmo anno, — até a data corrente, em que este ligeiramente esboçamos.

Não podemos deixar de ser breve na exposição que vamos desenvolver, não só porque o presente Relatorio é um trabalho extraordinario, como é sobretudo pela exiguidade do tempo que nos é dado a organisal-o.

Sobejamente conheceis a importancia d'este ramo dos publicos negocios, para que nos reste a maior certeza de que haveis de concordar comnosco sobre a impossibilidade de imprimir-se, em alguns dias apenas, amplo, satisfatorio e cabal desenvolvimento a um assumpto tão vasto, como é o da instrucção geral de um Estado, tão multiplo, como são as diversidades das suas questões, tão difficil como é a selecção a fazer-se dos moldes mais adaptaveis ao nosso meio, attentos os nossos costumes.

Limitar-nos-hemos, portanto, no tocante ao enunciado das nossas opiniões, ao que fôr rigorosamente imprescindivel, urgente e capital, reservando-nos para amfical-os, quanto ao nosso alcance estiver, no Relatorio que, de accordo com o art.º 19, n. 13, do Reg. de 13 de julho de 1891, vos temos de apresentar em principios do anno proximo vindouro.

Iniciaremos este trabalho: *primo*, fazendo uma rapida resenha das decisões do Conselho Superior da Instrucção Publica; *secundo*, apreciando em suas necessidades e factos mais importantes os tres ramos do nosso ensino, — o primario, o secundario e o normal; e *tertio*, finalizando-o com uma analyse sobre o estado actual do COLLEGIO DO AMPARO e os melhoramentos hygienicos que urgentemente requer.

Como epilogo, teremos o prazer e a honra de apresentar-vos a ideia da criação de escolas agricolas em varios pontos d'esta região da amazonia, reproduzindo-vos

<sup>1</sup> Zurcher. Ob. cit.



então alguns topicos que a proposito escrevemos em uns fragmentos, que por acaso ainda conservamos, de um Relatorio sobre instrucção publica, por nós apresentado ao Governo em 1888. É só d'esta maneira que o Governo actual poderá insensivelmente ir introduzindo a instrucção e com ella melhoramentos nos varios ramos de trabalho da população paraense.

Appensos encontrareis, no fim, diversos mappas, quadros, resumos, etc., que completarão a relação dos actos n'esta Directoria effectuados, comprovarão algumas das asserções mais graves que forem ao correr d'este enunciadas, e preencherão, em summa, as lacunas que o tempo não nos deixar supprir, elucidando ao mesmo passo quaesquer duvidas que, máo grado nosso, porventura apparecerem.

#### DO CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA

Tem funcionado regularmente, no começo de cada mez, esta corporação patriotica, directora do movimento da nossa instrucção popular.

Destinado a produzir o impulso mais benefico no mecanismo geral do ensino do Estado, já pela criteriosa discussão dos factos suscitados, já pelo estudo reflectido dos melhoramentos a introduzir-se, já pela distribuição recta da justiça nas sentenças a lavrar, — o Conselho Superior da Instrucção Publica não tem sido inteiramente de effectos negativos na pratica d'estes grandes meios, unicos de que dispõe, para desobrigar-se condignamente da alta missão que lhe está commettida, e attingir ao grandioso fim para que foi creado.

As resoluções por elle tomadas, as opiniões que tem emittido, as propostas que ha formulado, têm sempre merecido, com pouquissimas excepções, a mais prompta approvação por parte do Governo, como tudo deve constar da serie interrupta dos seus actos.

Nas quatorze sessões celebradas, sob a nossa presidencia, desde fins de maio do anno proximo passado, até a data presente, o Conselho Superior auctorisou nove transferencias de escolas para lugares differentes; — extinguiu duas outras em Santarém e ordenou a suspensão temporaria dos trabalhos escolares na villa do Capim<sup>1</sup>; — resolveu sobre tres casos de concurso, approvando dois e annullando um; — tomou conhecimento de trinta e sete petições de professores primarios que requereram remoções, das quaes fôram vinte e duas deferidas e quinze

indeferidas; — mandou remover os dois professores da villa do Capim, em consequencia da suspensão alli dos trabalhos escolares; — consentio na permuta entre duas professoras; — estudou cuidadosamente sete casos de representações de diversos Conselhos Escolares, contra alguns professores, sendo tres d'ellas apoiadas e quatro recusadas; — applicou cinco vezes as penas disciplinares, sendo tres reprehensões, uma suspensão e uma demissão; — despachou quatorze petições de professores, mandando-os aguardar oportunidade; — analysou vinte e nove pretenções diversas, deferindo quatro e indeferindo vinte e cinco; — examinou seis obras sobre varios assumptos, destinadas ao ensino primario, tendo approvado duas e regeitado quatro; — nomeou cinco Delegados seus, para differentes Conselhos Escolares; — assistio e julgou, em fim, tres concursos para o provimento effectivo de outras tantas cadeiras na Escola Normal.

\*  
\* \*

Uma questão unica, a nosso vêr, aliás de grande monta para o bom resultado das ultimas reformas da instrucção publica, tem o actual Conselho encarado, poucas vezes é verdade, pela face menos progressista: — é a que se refere aos concursos, para o provimento effectivo das escolas primarias.

Melindrosissimo como é o assumpto, por jogar a um tempo com o interesse immediato dos candidatos e mediato da collectividade infantil, provocando, não raro, o odio dos primeiros, após uma decisão justa e rigorosa, — comprehende-se o motivo por que tenha o Conselho deixado, por vezes, arrastar-se mais por arrazoados de sentimentalismo ou consideração de ordem affectiva, buscando attenuar, em sua consciencia, as faltas que manifestamente via e eram palpaveis, — do que pela imparcialidade convicta e estoica, mirando tão só e exclusivamente a rectidão mais pura e inquebrantavel.

A realidade é que não ha um só membro d'esta illustrada corporação a quem falte hoje a mais intima convicção não só de que muitos dos actuaes normalistas ainda não estão na verdadeira altura do nobre titulo que possuem, ou não se acham sufficientemente preparados para a grande missão a que se destinaram, como também de que o unico meio presentemente praticavel, para obrigar-os a habilitarem-se melhor e o mais promptamente possivel, vem a ser o dos concursos julgados com a maxima isenção e rigor.

Sob este ponto de vista, ordena o patriotismo, já não

<sup>1</sup> Esta medida foi tomada por occasião da revolta n'esta villa, cujos moradores a abandonaram.



dizemos que se evite a cumplicidade na lesão ao erario publico, sobrecarregando-o com a despeza de um funcionario mal industriado, mas que se busque evitar ao menos a cumplicidade na lesão ao tempo das creanças, fugindo de lhes dar algum preceptor com pouca instrucção ou nulla aptidão.

Bem conhecemos que é um defeito inherente ao caracter brasileiro, e muito especialmente á indole paraense, o deixar-nos muita vez levar pelo coração, nada obstante o alarma da razão. É este pequeno desvio de rectidão liga-se mais á nossa propria organização, do que mesmo á educação que tenhamos recebido. O nosso clima, altamente atrophizador da nutrição organica animal, produz em nós um desequilibrio funcional, entre o systema nervoso, que é excitado e os demais systemas, que são deprimidos. D'ahi um tal ou qual exaggero do nosso sentimentalismo, no que assaz approximam-nos do temperamento feminino.

Comtudo, aquelle enorme enxame de recommendações e pedidos, que escandalosamente fervilhavam, nas approximações dos concursos, em torno a cada um dos membros das commissões julgadoras, não se vê mais hoje felizmente, depois que o merito começou a ter o seu verdadeiro valor, auferindo as recompensas a que sempre faz jús. O estudo e o estímulo já vão tomando o passo á crença em vãs promessas, graças a uma melhor orientação politica, iniciada n'este sentido com o regimen republicano. Todavia, com bem pezar o dizemos, ainda nem todas as exhibições nos concursos têm conseguido corresponder á verdadeira expectativa. Não obstante a applicação a que já se submettem por capricho os candidatos, nota-se ainda muita fraqueza, muita deficiencia nos trabalhos, muita vacillação nas provas, o que bem mostra o lastimoso estado em que veio encontral-os a Republica.

\*  
\* \*

Utilizando-nos do art.º 40 do Reg. Geral de 13 de julho, nomeamos uma commissão, em agosto do anno proximo findo, composta dos srs. Conselheiros: Barão de Marajó, Carlos de Novaes, Magno de Araujo, Pereira Guimarães, José Luiz Coelho, Delfim Guimarães e professor Bezerra de Albuquerque, para inspeccionar as escolas da capital, ficando cada qual de apresentar á esta Directoria um Relatorio sobre o estado das que lhe fossem confiadas, na distribuição procedida.

Infelizmente só os dois primeiros commissarios puderam até hoje satisfazer o seu compromisso, tendo o

terceiro e o ultimo d'elles deixado de proseguir n'estes trabalhos por verem-se obrigados aquelle a auzentar-se d'esta cidade, por sérios motivos de molestia, e este a guardar o leito enfermo por longo tempo.

Sabemos, entretanto, que todos elles desempenharam mais ou menos completamente a sua missão, conforme lhes ia consentindo o tempo dos outros affazeres seus. Por isso ainda esperamos que, mais cedo ou mais tarde, esses relatorios nos sejam enviados, afim de melhormente ajuisarmos o movimento progressivo ou regressivo de cada escola, em paralelo ao resultado de inspecções identicas que se hão de proceder no anno corrente.

\*  
\* \*

Compõem actualmente o Conselho Superior da Instrucção Publica os srs. doutores:

Barão de Marajó, Intendente Municipal.

J. A. Pereira Guimarães, por eleição popular.

Gentil A. de M. Bitencourt, Director do Collegio do Amparo.

João Luiz Coelho, Director do Instituto Paraense.

Bazilio Magno de Araujo, Director do Lyceu Paraense.

Carlos A. V. de Novaes, eleito pela Congregação do mesmo Lyceu.

Capitães: Raymundo Martins, Director da Escola Normal.

Hermenegildo A. Carlos, eleito pela Congregação da mesma Escola.

Tenente Delfim Guimarães, eleito pelo Conselho de Vogaes.

Professores: Severiano B. C. de Albuquerque, nomeado pelo Governo.

D. Maria A. Ferreira Catete, e

Raymundo Joaquim Ramos Espindola, eleitos pelo professorado publico primario.

Os membros do Conselho Superior feitos por eleição acham-se prestes a concluir o biennio do seu mandato, que para uns finaliza em julho e para outros em agosto d'este mesmo anno. A elles, pois, os nossos mais sinceros agradecimentos e um voto do mais alçado louvor, pelas sabias advertencias e acertadas opiniões que se dignaram sempre conceder-nos, fazendo-nos assim trilhar até o presente a vereda da rectidão e da justiça.

Aos mais, que comnosco continuam n'este labutar tão cheio de responsabilidade e dissabores, um brado de animação e patriotismo, em prol dos nossos futuros concidadãos e do porvir mais glorioso da patria paraense!



PROGRAMMA DO ENSINO DO GYMNASIO NACIONAL  
DO ANNO DE 1891

7.º ANNO

(Continuação)

**Grego** — *Revisão da grammatica; leitura e traducção de auctores mais difficeis*

Recapitulação das lições anteriormente dadas. Principios geraes de construcção grega; syntaxe.

Breves considerações geraes sobre os dialectos gregos. Leitura, versão e analyse de trechos escolhidos de alguns dos melhores prosadores atticos.

*Livros:*

Xenophonte. — Anabasis e Cyropedia (excerptos).

Luciano, Platão, Demosthenes (excerptos).

**Historia do Brazil**

1. Viagens e descobrimentos maritimos dos portuguezes. Descobrimto da America por Christovão Colombo. Vasco da Gama.
2. Descobrimto do Brazil. Seus primeiros exploradores.
3. Povos que habitavam o Brazil na época de seu descobrimto. Ethnographia, lingua e periodo de civilisação dos indios: tabas ou aldeias: usos, armas e costumes dos indios, religião, forma de governo, guerra e matança de prisioneiros.
4. Systema de colonisação do Brazil, empregado por D. João III. Capitánias hereditarias.
5. Estabelecimento de um governo geral. Thomé de Souza e Duarte da Costa.
6. Mem de Sá, terceiro governador geral.
7. Divisão do Brazil em dois governos e subsequente reunião em um só. Domínio da Hespanha. Estado em que se achava o Brazil em 1581.
8. Governo interino da primeira junta governativa, 1581 a 1583, Manoel Telles Barreto, 1583 a 1587. Governo interino de uma segunda junta, 1587 a 1591.
9. D. Francisco de Souza, 1591 a 1602. Diogo Botelho, 1602 a 1607.
10. D. Diogo de Menezes. Nova divisão do Brazil em dois governos e subsequente reunião em um só, 1617. Os francezes no Maranhão.
11. Primeira invasão dos hollandezes. Perda e restauração da cidade do Salvador.
12. Segunda invasão hollandeza; perda de Olinda e do Recife; historico da guerra até a retirada de Mathias de Albuquerque até a aclamação de D. João IV no Brazil, 1635 a 1641.
15. Guerra hollandeza no Brazil, desde a aclamação de D. João IV até o rompimento da insurreição pernambucana até a capitulação da Campina do Tabora.
17. Paz de Portugal com a Hollanda. Causa da ruína do poder hollandez no Brazil e do triumpho obtido pelos pernambucanos. Resultados da guerra.
18. Erros administrativos no Brazil. Luctas entre os jesuitas e os colonos, Beckman, 1625 a 1685.

19. Destruição dos Palmares. Guerra civil dos Mascates e dos Emboabas.

20. Effeitos no Brazil da guerra da successão de Hespanha. Lucta com os hespanhóes ao sul. Hostilidade de Duclerc. Duguay Trouin no Rio de Janeiro. Tratados de Utrecht e de Madrid, 1688 a 1750.

21. Desenvolvimento e progresso do Brazil no reinado de D. João V.

22. Reinado de D. José I. Questões e luctas no sul do Brazil. Jesuitas e sua expulsão. O Marquez de Pombal.

23. Primeiras idéas da independencia do Brazil. Conspiração mallograda em Minas. O Tiradentes.

24. Transmigração da familia real de Bragança para o Brazil. Séde da monarchia portugueza no Rio de Janeiro, 1807 a 1815.

25. Guerra com os hespanhóes ao sul e com os francezes ao norte do Brazil. Revolução republicana de Pernambuco em 1817.

26. Revolução de Portugal em 1820: seus effeitos no Brazil. Regresso da côrte portugueza para Lisbôa.

27. Primeiros mezes de regencia de D. Pedro no Brazil.

28. Desde o dia do *Fico* até ao do Ypiranga: de 9 de Janeiro a 7 de Setembro de 1822.

29. Acclamação e coroação do primeiro imperador: Guerra da Independencia.

30. Assembléa constituinte. Juramento da Constituição do Imperio. Revolução de Pernambuco em 1824. Lord Cochrane no Maranhão. Motins na Bahia. Reconhecimento da Independencia do Brazil por Portugal. Guerra no Rio da Prata.

31. Tratados de commercio. Medidas legislativas. Revolta de tropas estrangeiras. Almirante Roussin. Tumultos em Pernambuco e na Bahia. D. Maria II. A Imperatriz D. Amelia. Abdicação, 7 de Abril de 1831.

32. Governos regencias. Primeira parte. Regencia provisoria e permanente trina.

33. Governos regencias. Segunda parte. Regencia de Senador Padre Diogo Antonio Feijó e do Senador Pedro de Araujo Lima. Declaração da maioria de D. Pedro II.

34. Primeiro ministerio depois da maioridade. Movimento em Minas-Geraes e em S. Paulo, 1842. Pacificação da provincia do Rio-Grande do Sul, 1845. Revolução Praieira em Pernambuco, 1848. Guerra do Rio da Prata com Oribe e Rosas. Tratado de 1858 (6 de Abril) com o Paraguay. Questão Anglo-Brazileira (Christie). Desenvolvimento industrial, commercial e litterario do Brazil.

35. Guerra com a Banda Oriental da Republica Oriental do Uruguay, 1864 e 1865. Intervenção indebita do dictador Francisco Solano Lopez. Guerra contra o Paraguay, 1664 a 1870.

**Chorographia**

- 1.º Posição astronomica, limites, dimensões, littoral.
- 2.º Structura physica.
- 3.º Bacias fluviaes.
- 4.º Clima.
- 5.º Flora.
- 6.º Fauna.
- 7.º Grupos ethnographicos.
- 8.º Agricultura.
- 9.º Creação de gado.
10. Mineração.
11. Estradas de ferro e telegraphos.
12. Navegação.



13. Constituição federal.
14. Justiça e finanças.
15. Chorographia dos Estados.

*Livros:*

Mattoso Maia — Historia do Brazil.  
 Carvalho — Atlas do Brazil.  
 Wappoeus — Geographia physica do Brazil.

**Trabalhos praticos**

Trabalhos praticos de laboratorio: estudos ao microscopio; applicações uteis da chimica organica; preparações anatomicas para o estudo dos pontos mais importantes da biologia; classificação e preparo de objectos obtidos nas excursões; visitas ao museu, etc.

**Artes****DESENHO***1.º anno*

Desenho linear: seus elementos, sua divisão em linear á vista e linear geometrico, sua utilidade, importancia. Exercicios graphicos das principaes figuras geometricas, sem auxilio de instrumentos de precisão; explicação dos seis tons de claro-escuro; exercicios de claro-escuro, da esphera, cylindro e prisma.

*Do 2.º ao 5.º anno*

Representação de corpos de fórmias simples; mosaicos e ornatos industriaes (2.º anno).

Desenho linear geometrico; definições das figuras geometricas, suas propriedades e soluções dos problemas, por processos graphicos; perspectiva linear e das sombras projectadas (3.º anno).

Noções das ordens de architectura (4.º anno).

Desenho imitativo: paizagens, flôres, fructos e animaes — a lapis ou a esfuminho (5.º anno).

*Livro:*

Paulino Martins Pacheco (provisoriamente).

**MUSICA***1.º anno*

Rudimentos: da musica e seus principaes elementos, da pauta musical, das linhas superiores e inferiores e seus espaços. Das claves, suas especies e posições. Das figuras ou fórmias das notas e das pausas, da divisão de semi-breve, do ponto augmentativo simples e duplo. Do compasso, suas especies e suas partes fortes e fracas. Dos accidentes, suas especies, posições e effectos. Dos intervallos e suas inversões, dos semitons e das escalas. Da ligadura ou ligação, do staccato (destacado) simples, do ligeiro e do articulado, das quialteras e das syncopes. Dos modos e dos tons. Dos signaes de repetição, da formata ou suspensão, da chaveta ou abraçador e dos accentos musicaes ou signaes de expressão. Das palavras indicativas do movimento da composição, dos ornatos e do modo abreviado de escrever as notas. Do exercicio de leitura das notas a compasso (leitura rythmica). Do estudo da entoação de intervallos naturaes. Solfejos elementares.

*Do 2.º ao 5.º anno*

Estudo de solfejos elementares e progressivos.

Exercicio de leitura rythmica.

Analyse do tom principal de cada lição e de suas modulações.

N. B. — Os alumnos do 1.º anno estudarão as lições de solfejo desde o numero 1 até 37; os do 2.º, 3.º e 4.º annos as lições de solfejo desde o numero 38 até ao fim do livro: os do 5.º, lições de trechos recreativos e apropriados ao seu diapasão.

*Livros:*

Compendio elementar de musica, por M. J. Teixeira.

Solfèges des enfants par A. Garaudé.

**GYMNASTICA**

Primeira parte. — Exercicios de corpo livre.

1. Exercicios disciplinares.
2. Marchas gymnasticas.
3. Exercicios de movimentos parciaes.
4. Exercicios recreativos.
5. Exercicios de movimentos combinados.
6. Exercicios de equilibrio.
7. Exercicios estheticos.
8. Exercicios de movimentos imitativos.
9. Corridas e saltos.
10. Jogos gymnasticos.

Segunda parte. — Exercicios com instrumentos.

1. Exercicios simples com bastões.
2. Exercicios simples com biboletes.
3. Exercicios faceis com as massas.
4. Exercicios complexos com bastões e com bastonetes de ferro.
5. Exercicios de movimentos combinados com biboletes.
6. Exercicios complexos com as massas.
7. Marchas e combates nas andas.
8. Repulsão das espheras de ferro.
9. Exercicios de tracção com cabos de linho.
10. Exercicios de repulsão com as perchas.

Terceira parte. — Exercicios com aparelhos.

1. Exercicios de equilibrio sobre a viga.
2. Saltos com trampolim.
3. Corridas e saltos.
4. Exercicio na escada de cordas e nos cabos graduados.
5. Exercicios na prancha de assalto.
6. Exercicios no cavallo de pau.
7. Exercicios nas escadas de madeira inclinadas e horisontaes.
8. Exercicios nos cabos livres.
9. Exercicios nos mastros.
10. Exercicios nas parallelas.
11. Exercicios nos anneis de ferro e no trapezio.
12. Exercicios na barra fixa.

N. B. — Ficam prohibidos os exercicios acrobaticos.



## NOTICIARIO

**Compendio de Systema metrico** — Sob este titulo organisou o nosso distincto amigo e collega o sr. professor Vilhena Alves um bem acabado trabalho para o estudo do SYSTEMA METRICO DECIMAL e com o qual elle pretende brevemente augmentar o numero dos nossos livros escolares.

Para que os nossos dignos leitores possam desde já fazer um juizo sobre o merecimento da obra, publicamos em seguida o parecer que sobre o referido livro deu o illustre Governador do Estado do Ceará, o sr. Tenente-Coronel Bezerril Fontenelle.

Eil-o:

### JUIZO CRITICO SOBRE O COMPENDIO DE SYSTEMA METRICO DECIMAL DO PROFESSOR VILHENA ALVES.

Por intermedio do illustre director do *Atheneu Paraense*, o sr. Raymundo Bertholdo Nunes, me foi entregue o presente trabalho para que eu emittisse parecer a respeito do seu merecimento.

A carta que o acompanhou dizia assim:

«... Remetto-lhe as lições do Systema metrico decimal, coordenadas pelo Vilhena Alves, sobre as quaes solicitei o seu autorizado parecer. Espero que será minucioso na confecção do mesmo; e peço-lhe que me devolva a obra o mais breve possivel, contando desde já com o meu agradecimento por esse não pequeno trabalho que lhe vou dar.»

Uma immensidade de cousas e atrapalhações de serviços impediram-me de satisfazer promptamente a honrosa incumbencia; de sorte que só agora, em vespera de viagem, pude lêr mais detidamente o trabalho do sr. professor Vilhena Alves, para, apressadamente, dizer o que d'elle penso.

Após uma leitura ligeira que fiz, tendo-me encontrado com o sr. Bertholdo, dedicado amigo do autor do trabalho, disse-lhe francamente que achava-o excellente quanto ao methodo seguido na exposição da parte theorica, acompanhada da pratica immediata a cada uma das partes do trabalho, o que é muito vantajoso para os espiritos pouco acostumados ás abstracções de doutrinas theoricas sem applicação immediata, sempre fatigantes á memoria dos principiantes.

Bôas definições, alliadas a uma exposição clara, methodica e insinuante, acompanhada das regras necessarias e da pratica por meio de exemplos bem escolhidos e

desenvolvidos, fazem com que o Systema metrico decimal do sr. F. F. de Vilhena Alves seja uma bôa obra para a instrucção e diffusão dos conhecimentos exactos sobre as medidas do Systema metrologico decimal e suas relações com as outras medidas não só do proprio Systema decimal como igualmente com as dos outros sistemas metrologicos complexos.

Os quadros synopticos são de muito valor, porque além de condensarem o estudo feito na composição e decomposição, ou melhor, na formação dos multiplos e submultiplos das unidades metricas de per si, têm a grande vantagem de pôr diante dos olhos a correlação que existe entre os multiplos e submultiplos de umas para outras medidas, como se dá entre o *are* e o *metro quadrado*; assim como as que existem entre os differentes multiplos e submultiplos do *metro cubico* comparado com o *litro* e com o *grammo* e vice-versa.

Fez bem o autor eliminando do seu compendio a parte historica, de algum interesse é bem verdade, mas que certamente nada adianta ás doutrinas essenciaes, ao estudo enfim do systema de medidas metricas decimaes, cuja perfeição só por si basta para impôr-se de preferencia a todos os outros.

Melhor procedeu ainda o sr. Vilhena Alves banindo completamente do seu compendio o estudo disciplinar e doutrinario das antigas medidas, e das relações que existem entre si, como fazem alguns autores.

Deixe-se aos carranças rotineiros que preferem o emprego das relações complexas e fraccionarias, como as do *«foot»* de palmo e meio, e outras medidas lineares (deduzidas de partes variaveis do corpo humano e as *toneladas de tres quintaes e meio*, oriundas do grão do trigo secco), ás relações simples e espontaneas da divisão sempre uniforme em *dez*, base de systema de numeração universalmente usada, que se deduzem de uma medida unica — o *metro* — que é um comprimento tirado do meridiano terrestre, cuja invariabilidade tem sido admittida scientificamente.

A ausencia de figuras ou representações graphicas das medidas ou unidades metricas, não só para facilitar a comprehensão das suas divisões, a formação dos multiplos e submultiplos, como para dar idéa das suas fórmulas ordinarias, seria uma falta por demais sensivel.

Manifestei a lacuna que existia no compendio, e o sr. Vilhena Alves promptamente fez juntar as mais essenciaes, que vão intercaladas no texto. Assim, pois, embora fosse preciso mais outras figuras, considero a presente obra como completa e utilissima.

Uma unica difficuldade encontrará o principiante que a lêr, e vem a ser a que se refere á noção exacta da



*densidade* de um corpo, d'agua, por exemplo, que entra na definição do *grammo*; e a do ouro para bem comprehender-se a resolução do problema do n.º 217.

Nem todos são tão felizes como o sr. Vilhena Alves, que não ignora essas cousas da physica, porque valentemente e de coração se entrega aos estudos serios, tanto d'Arte como da Sciencia.

Possa o Systema metrico decimal do sr. F. F. de Vilhena Alves ter a acceitação que é de esperar, e ser lido com attenção, e muita luz diffundirá elle aos indifferentes que tanto acceitam o *metro* como a *vara*, pouco se importando que no proprio metro tanto se lhe dê covados de 0,<sup>m</sup>66 como de 0,<sup>m</sup>68, ou jardas que aqui são de 0,<sup>m</sup>88 e ali de 0,<sup>m</sup>92.

Em 1866, creio eu, foi adotado pela lei brazileira o systema metrico decimal. Dez annos depois tornou-se obrigatoria a sua execução; mas ainda hoje, 26 annos depois, por um indifferentismo sem classificação, do Sul ao Norte do Imperio, o *metro*, o *litro* e o *kilogramma* figuram nos balcões, para se comprar e vender a *covados* ou *varas*, em *alqueires*, *garrafas* e *quartilhos*, e a *onças*, *libras* e *toneladas*.

Isto prova e justifica bem a necessidade da apparição de bons livros como este, que, fornecendo ensejo a uma nova leitura de doutrinas que são julgadas acceitaveis, uteis ou vantajosas, levem a convicção que falta, — aos que se julgam entendidos na materia, — de que certamente é na *lei praticada*, segundo os usos e costumes, e não na *lei escripta*, que está a expressão característica dos actos que distinguem os povos verdadeiramente civilisados.

Reformem-se praticamente os máos habitos, acceitando sómente como verdadeiro e justo aquillo que o dogma demonstravel faz calar ás convicções, e a nossa Patria não apresentará mais os tristissimos e deploraveis exemplo das contradicções e antinomias que existem entre a lei praticada e a lei escripta.

Belém do Pará, 30 de março de 1889.

JOSÉ FREIRE BEZERRIL FONTENELLE.

### Lei n.º 23 de 29 de julho de 1892

*Auctorisa o Governador do Estado a mandar levantar planta para tres typos de edificação de escolas primarias e dá outras disposições.*

O Congresso do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica o Governador do Estado auctorisado a mandar que, pela Repartição de Obras Publicas, sejam

levantadas plantas para tres typos de edificação de escolas primarias com todas as condições hygienicas, sendo um typo para cada entrancia.

Art. 2.º — A mesma Repartição orçará as despesas relativas a execução de cada planta, devendo ser incluída annualmente na lei orçamentaria a verba para certos numeros d'estas edificações, consoante comportar a receita do Estado.

Art. 3.º — Estas edificações começarão pelas entrancias inferiores e pelos districtos cujas escolas forem mais frequentadas, a juizo do Governador.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução d'esta lei pertencerem, que fielmente a cumpram e façam cumprir.

O Secretario do Estado a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 29 de julho de 1892, 4.º da Republica.

LAURO SODRÉ.

Publicada n'esta Secretaria aos 19 dias do mez de junho de 1892.

EGYDIO LEÃO DE SALLES.

Esta medida vem dar-nos a esperanza de vermos, em futuro bem proximo, desapparecer o maior de todos os obices que entre nós encontra a instrucção publica e que a impedem de desenvolver-se e de produzir os beneficos resultados que todos desejamos.

A construcção de casas proprias para escolas impõe-se, em qualquer parte, como uma das mais palpitantes necessidades, para o desempenho cabal de todas as reformas na instrucção primaria, organisadas de accordo com os programmas da pedagogia moderna.

Nos paizes onde o Governo mostra-se convencido de que a instrucção é a força motriz da civilisação e onde a educação do povo constitue já o programma capital, na gestão dos publicos negocios, costuma-se iniciar estas grandes reformas precisamente pela edificação de casas com as necessarias accomodações para taes serviços.

E, com effeito, o que poderia produzir o mais aperfeiçoado machinismo que se achasse deslocado ou montado em um lugar improprio, contra as regras da sciencia, para funcionar satisfatoriamente?

Pouco ou nada, com certeza.

Está, pois, no mesmo caso o mecanismo do ensino, muito especialmente o do curso primario.

Nenhum methodo ou modo, por melhor que seja,



poderá ser praticado a contento e produzir os resultados desejados, sem o necessario ESPAÇO, AR E LUZ.

Todos sabem que, em geral, as casas onde funcio-  
nam actualmente as nossas escolas, além de não pos-  
suirem um local adequado aos exercicios phisicos, não  
têm tambem a capacidade precisa para receber um certo  
numero de creanças, que são assim sacrificadas, á falta  
de condições hygienicas, em sua constituição, em seu  
temperamento, em sua saude, em sua propria vida emfim!

Urge, pois, que o mais breve possivel torne-se em  
realidade a lei decretada em prol da mocidade presente  
e a bem da sociedade futura, que de outro modo conti-  
nuaria a ser dotada com uma geração anemiada, enfra-  
quecida, depauperada e doentia.

—  
**“Cinco de Agosto”**— Conforme noticiamos em  
um dos numeros passados d’esta *Revista*, effectuou-se  
realmente, na cidade da Vigia, a reinstalação da socie-  
dade beneficente e litteraria *Cinco de Agosto*, que havia  
já mais de 10 anno não funcionava regularmente.

Por occasião d’este acontecimento fizeram os asso-  
ciados distribuir a edição especial de um impresso, que  
gentilmente nos foi tambem enviado, e que vem cheio de  
escriptos analogos ao facto, e prehes de entusiasmo, de  
novo ardor e alto patriotismo.

Quando uma mocidade se congrega para as luctas  
porfiadas da intelligencia, ella se eleva á altura de um  
principio e torna-se credora da admiração dos doutos e  
digna sempre da mais louvavel imitação.

Felicitando, pois, a mocidade vigiense e saudando a  
associação *Cinco de Agosto*, cumprimos os seus be-  
nemeritos agremiadores, cujo exemplo salutar com o maior  
prazer indigitamos a todo o interior do Estado Paraense.

—  
**Coração**— Devido á gentileza dos srs. R. L. Bit-  
tencourt & C.<sup>a</sup>, negociantes livreiros n’esta praça, que  
nos têm sobremodo penhorado com algumas offertas, ti-  
vemos a feliz oportunidade de apreciar a obra — *Cuore*  
— de Edmundo de Amicis, escripta para leitura nas es-  
colas primarias de Italia, e vertida entre nós em portu-  
guez pelo distincto philologo João Ribeiro.

Quizeramos ter conhecimento da lingua em que foi  
traçado o original, afim de gozarmos o prazer de apre-  
cial-o tal como sahio das mãos do seu autor: acredita-  
mos que a impressão nos seria assim mais intensa e agra-  
davel. Comtudo, a traducção absorveu-nos de tal maneira  
a attenção, que a lemos do começo ao fim, sem nos es-  
capar uma linha sequer.

Conhecedor profundo dos dois idiomas, o illustrado  
traductor conseguiu dar á nossa pobre e miseravel litte-

ratura do ensino primario um riquissimo thesouro de  
de educação moral e civica, um fecundo manancial de  
sãos exemplos e conselhos salutaes, um primoroso ra-  
milhete cujos suavissimos aromas estimulam o systema  
sensorial para o que é Bom, para o que é Grande, para  
o que é Nobre.

*Coração* é o verdadeiro livro de leitura para a infan-  
cia escolar, o unico talvez no seu genero que conseguiu  
melhor attingir ao fim proposto, já pela fórma, já pelo  
fundo.

Pela fórma, é o leitorzinho conduzido a interessar-se  
pela sua classe; a confraternizar-se com os seus compa-  
nheiros; a distinguir os bons e a procurar imital-os; a  
segregar-se dos máos, sem comtudo odial-os; em uma pa-  
lavra, — a socializar-se, fazendo-se insensivelmente *homem*.

Pelo fundo, a obra de Amicis falla ao coração infan-  
til; emociona-o sob todas as suas bôas faces; tange-lhe  
as cordas do sentimentalismo, fazendo-as vibrar as va-  
riadissimas modulações do *amor*: o amor materno, o  
amor fraterno, o amor á humanidade, o amor da Patria.

Se bem que as referencias patrioticas sejam de uma  
outra nação que não a nossa, nem por isso o livro de  
Amicis perde a menor parcella do seu valor, para os  
nossos jovens conterraneos. Não se aprende a amar a  
Patria sómente pelos exemplos n’ella praticados, mas  
tambem pelos grandes feitos, operados á luz da Historia,  
em qualquer paiz do globo, em qualquer lugar do mun-  
do, por qualquer homem que seja.

O valor civico é como a verdade: sempre o mesmo  
em toda a parte.

Aos nossos mestres primarios é que compete a tarefa  
de apropriar os actos de patriotismo estrangeiro á nossa  
educação nacional; primeiramente, salientando n’ellas a  
virtude e inoculando-a no coração da creança, e depois  
investigando na propria Historia patria os acontecimen-  
tos congeneres, e detalhal-os aos seus alumnos, fazendo  
estes escreverem-n’os em seus cadernos, como mui sa-  
biamente o ensina De Amicis em sua obra.

Façamos bons professores primarios, instruidos e de-  
dicados, e não simples arremedo de mestres, e o excel-  
lente livro de Amices se adaptará em tudo ás escolas  
brazileiras.

Todavia, nada sahe logo perfeito das mãos do ho-  
mem. Apezar de bem acabado o trabalho de Edmundo  
de Amices, nós n’elle notamos duas pequeninas faltas:  
uma devida ao autor e outra ao editor.

A primeira lacuna é não conter sequer um hymno,  
uma canção ou uma estrophe singela, mas composta com  
arte, ao alcance das creanças de 9 a 13 annos de idade,  
ensinando-as pela cadencia do rithmo, pela facilidade do



metro, pela clareza e fluencia das expressões, a amar o — *Bello* nas Lettras. No *Cuore*, de Amices, ha paginas de ouro, verdadeira prosa poetica, no estylo em que foi traduzido: mas, por melhor combinada que seja a variedade de muitos trechos prosaicos, por mais lindo que venha a ser cada um d'elles, si não se lhes intercala de quando em vez uma estrophe ao menos, ora patriotica, ora fabulosa e moral, ora simplesmente descriptiva das bellezas naturaes, etc., a monotonia ahi estará. Não é isto, entretanto, um defeito; é simplesmente uma diminuta falha, que talvez esteja supprida no original que não conhecemos, mas que não poude ser transferida para o nosso dialecto. Conhecemos as difficuldades de uma bôa traducção, *maximé* quando ella é feita de versos para versos.

O segundo *senão* notado é não existir na edição que possuímos uma gravura, um quadro, um desenho apropriado qualquer, que tanto interesse provoca aos aprendizes escolares. E entretanto que de assumptos magnificos não encontraria o artista, entre estas creações de Amicis, para se fazer recommendar?!...

Verdade é, que lemos algures um projecto de illustração na proxima edição: mas, si a obra não illustrada já não está em preço ao alcance dos mais pobres, depois de illustrada tornar-se-á com certeza accessivel unicamente aos filhos de familias mais ou menos abastadas.

Se fosse possivel obviar este inconveniente...

Agradecendo, pois, a delicadeza dos nossos offertantes, nós recommendamos com o maior enthusiasmo ás familias paraenses, especialmente aos nossos mestres primarios, o livro de leitura editado no Rio de Janeiro pelos srs. Alves & C.<sup>a</sup>, vertido para o portuguez pelo sr. João Ribeiro, e intitulado — *Coração*.

**These** — Recebemos e agradecemos a delicadeza com a qual nos foi endereçado um exemplar da these que apresentou á Directoria Geral da Instrucção Publica, para o concurso da cadeira de Historia universal do Lyceu Paraense, o Dr. Enéas Martins.

**Nova geographia** — Dos prélos da acreditada officina dos srs. Tavares Cardoso & C.<sup>a</sup> brevemente sahirá publicada a geographia de que é autor o illustre senador Dr. Carlos Novaes.

O trabalho material acha-se bastante adiantado e podemos garantir que com a publicação da referida geographia, os srs. Tavares Cardoso & C.<sup>a</sup> terão mais uma vez occasião de provar ao publico a correcção de suas obras.

Chamamos a attenção do professorado para esse util

livro que se recommendará não só pelo nitido trabalho typographico, como pela competencia do seu distincto autor.

**Circular.** — Chamamos a attenção dos Srs. professores do interior para a seguinte circular expedida da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Pará:

*Sr. professor de . . . . .*

De ordem do Sr. Dr. Director Geral da Instrucção Publica, vos devolvo os mappas dos ultimos trimestres do corrente anno pertencentes a escola á vosso cargo, afim de os reformardes de accordo com o modelo que d'esta repartição vos foi remettido em data de 14 de Março ultimo.

Outro sim, manda o mesmo Sr. Director Geral comunicar-vos que deixarão de ser visados os vossos attestados de frequencia emquanto não reenviardes os referidos mappas.

---

## EXPEDIENTE

---

### A NOSSA REVISTA

Não obstante os nossos esforços e boa vontade, ainda não nos foi possivel publicar com regularidade o presente numero da nossa *Revista*.

Tendo uma das machinas da officina onde fazemos a impressão, soffrido alguns reparos, tivemos por isso de esperar que desaparecessem esses inconvenientes, o que deu lugar a sair ainda esta vez um pouco atrasada a referida *Revista*.

Pedimos desculpa aos nossos bondosos assignantés pela falta que commenttemos flha unicamente de motivos imperiosos e imprevistos.



Cardoso & C.<sup>a</sup> — Editores

UNIVERSAL

VERISSIMO

## IDA AMAZONICA

Relações indígenas e mestiças da Amazonia

1 volume 3\$000 réis

## ESTUDOS BRAZILEIROS

LITTERATURA, HISTORIA, ETHNOGRAPHIA, CRITICA

1 volume 3\$000 réis

Pará — LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.<sup>a</sup> — Brazil

RUA DO CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

### AS PILULAS ANTI-FEBRIS

DO

Dr. Souza Castro, Barão de Anajás

CURAM AS SESÕES E SUAS CONSEQUENCIAS, O RHEUMATISMO INTERMITTENTE, ETC. SÃO AS MAIS BARATAS

### Agua alcalino arsenical lithinada

DO

Barão de Anajás

É vantajosamente empregada no tratamento da diabetes, nephrite, affecções da pelle, rheumatismo, molestias dos pulmões e do apparelho gastro-intestinal, anemia e nevrose em geral.

Deposito na Tr. 7 de Setembro n. 20, escriptorio de J. Taveira.

### Productos da Chocolateria Paraense

Chocolate fino, superfino e especiaes, preços de meio kilo — 1\$000 réis a 2\$000 réis.

Cacáo pulverizado 250 grammas 1\$000 réis; 500 grammas 2\$000 réis.

Manteiga de cacáo, kilo 4\$000 réis.

Farinha de castanha, kilo 1\$500 réis.

Azeite doce refinado de castanha para mesa e cosinha, garrafa 1\$500 réis.

### Chocolate Paraense Iodado

*Approvado pela Inspectoria de Hygiene e por ella aconselhado ás pessoas debilitadas, convalescentes, as que soffrem de molestias pulmonares e outras affecções dyscrasicas e adynamicas.*

### Remedio efficaz

Attestamos que em nossa clinica temos obtido bons resultados do emprego do *Chocolate Paraense Iodado*, preparado na Chocolateria Paraense, nos casos de tísica pulmonar, chlorose e chloroanemia, anemia em geral, rachitismo, escrophulas, affecções dos ossos, debilidade geral e convalescências.

Recommendamos, pois, este excellente preparado como um reconstituente poderoso, e que pode ser usado sem inconveniente por qualquer pessoa.

Pará, 16 de Outubro de 1891.

*Barão de Anajás.*

*Dr. Luiz Bahia.*

*Dr. Americo M. Santa Rosa.*

*Dr. Silva Rosado.*

*Dr. Pereira de Barros.*

*Barão da Matta Bacellar.*

Deposito Central a estrada de S. José n. 69.



Phramacia "Beirão"

Rua do Cons. João Alfredo

(Vulgo da Cadeia)

(Próximo ao jardim das Mercês)



MARCIANO I

Inventor  
proprietario do

Licor Anti-Periodico de C

UNICO VERDADEIRO

Recommendado por toda a imprensa do Pará e pelo povo, receitado por medicos distinctos, pela illustrada Inspectoria de Hygiene dos Estados-Unidos do Brazil.

Unico legal e devidamente registrado por Accordão do Egregio Tribunal da

## MARAVILHOSA DESCOBERTA

Pilulas do Dr. C. Novaes

Preparadas especialmente para este clima, as PILULAS DO DR. C. NOVAES são as que melhores resultados tem dado na cura das

### Febres Palustres ou Sezões

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES combatem as sezões e todas as febres de fundo palustre.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES debelam a inflammção do figado que resulta das sezões.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES sendo ligeiramente purgativas, combatem a opilação de inchação que quasi sempre acompanha aquella enfermidade.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES evitam as recahidas constantes uma vez que o doente guarde a dieta precisa.

Vós, que soffreis de sezões tomae as verdadeiras — PILULAS DO DR. C. NOVAES!

Vós, que tendes o figado inflammado em consequencia de repetidos accessos de sezões, lancae mão das — PILULAS DO DR. C. NOVAES!!

Vós, que estaes opilado, que tendes os rostós e as pernas inchadas, não tenhas a menor duvida em uzar das maravilhosas — PILULAS DO DR. C. NOVAES!!!

Não é uma panacea que annuncia-se, o autor garante os bons effeitos das — PILULAS DO DR. C. NOVAES, porque até hoje ainda não falhou uma só vez e o emprego d'estas pilulas cresce de dia para dia.

As verdadeiras — PILULAS DO DR. C. NOVAES — levam a sua assignatura em tinta preta e encarnada.

## REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

AOS SRS. EDITORES E AUTORES

A *Revista* dará uma noticia bibliographica completa ou, conforme a importancia da obra, um artigo critico sobre os livros que lhe forem remettidos, principalmente sobre aquelles que interessarem o seu fim principal.

*As assignaturas e annuncios tomam-se exclusivamente na Livraria Bittencourt. Rua 15 de Novembro.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida:

Ao Director da Revista de EDUCAÇÃO E ENSINO

Caixa do correio, 312 — PARÁ